

A comunidade **QUILOMBOLA** **MATÃO** e seu território de direito



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Gonçalves, Paulo Rogério

A Comunidade quilombola Matão e seu território de direito / Paulo Rogério Gonçalves, Maria Aparecida Ribeiro de Sousa, Geine Medrado Rodrigues. -- Palmas, TO : Alternativas para pequena agricultura no Tocantins - APATO, 2024.

40 p.

ISBN: 978-65-995635-8-4

1. Quilombos - Palmas (TO). 2. Território quilombola.
3. Comunidades quilombolas. 4. Povos e comunidades tradicionais.
I. Sousa, Maria Aparecida Ribeiro de. II. Rodrigues, Geine Medrado. III. Título.

CDD-981.04

Sueli Costa - Bibliotecária - CRB-8/5213
(SC Assessoria Editorial, SP, Brasil)

Índices para catálogo sistemático:

1. Quilombos 981.04

A COMUNIDADE QUILOMBOLA MATÃO E SEU TERRITÓRIO DE DIREITO

Projeto da Nova Cartografia Social da Amazônia –PNCSA

Coordenação: Alfredo Wagner e Rosa Acevedo

Projeto da Nova Cartografia Social do Tocantins

Coordenação: Paulo Rogerio Gonçalves e Maria Aparecida Ribeiro de Sousa

EQUIPE DE PESQUISA

Paulo Rogerio Gonçalves
Maria Aparecida Ribeiro de Sousa
Geíne Medrado Rodrigues

CARTOGRAFIA E MAPAS

Alcindo Alves Patrício Castro

PROJETO GRÁFICO

Andreia Gualberto

FOTOGRAFIAS

Geíne Medrado Rodrigues
Paulo Rogerio Gonçalves

ASSOCIAÇÃO DA COMUNIDADE REMANESCENTE DE QUILOMBOLAS MATÃO

Presidente – Domingas Pereira Borges
Vice-presidente - Luciano Moura Gonçalves
Primeira secretária - Emilda Ramos Rodrigues
Segunda secretária - Rosineide Barbosa da Trindade
Primeiro tesoureiro - Augusto Dias de França
Segunda tesoureira - Nelci Bispo de Oliveira
Conselho fiscal 1 – Magno Pereira Borges
Conselho fiscal 2 – Sebastiana Luís Barbosa
Conselho fiscal 3 – Sulemar Ferreira da Silva
Conselho fiscal 4 – Valéria Bispo Barbosa
Conselho fiscal 5 – Eliane Xavier
Primeira coordenadora de assuntos diversos – Francisca Luís Barbosa
Segunda coordenadora de assuntos diversos – Maria Suelia Gonçalves de Oliveira Guedes
Primeiro coordenador de patrimônio – Antônio Conceição Francisco de Oliveira
Segundo coordenador de patrimônio – Justino Luiz Barbosa
Primeira coordenadora de mestiços – Sádilla Aparecida Ramos Rodrigues
Segunda coordenadora de mestiços – Policatario Luiz Furtado

Primeiro coordenador comunitário – Aldemar Dias de França
Segundo coordenador comunitário – Simara Luiz Borges

COORDENAÇÃO ESTADUAL DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DO TOCANTINS-COEQTO

Coordenadora Executiva: Maria Aparecida Ribeiro de Sousa
Coordenadora Administrativa: Maryellen Crisóstomo de Almeida
Coordenador de Finanças: Jakson Cursino Magalhães

Coordenação Temática:
Coordenação de Territorialidade e Agrário: Jorlando Ferreira Rocha
Coordenação de Saúde: Lourivaldo de Souza
Coordenação de Juventude: Gederson Moreira Cezar
Coordenação de Produção e Comercialização: Laelson Ribeiro de Souza
Coordenação de Educação e Formação: Evandro Moura Dias
Coordenação de Mulheres: Ariadne Cezar Nogueira

CONSELHO FISCAL

Neuzair Pereira dos Santos
Valdinéia P. Anunciação
Dulcilene Nunes de Carvalho
Miguelanes Crisóstomo Valadares
Natanael Barbosa Pereira

A Comunidade Quilombola Matão e seu território de direito

A Comunidade Quilombola Matão está situada no município de Conceição do Tocantins, região sudeste do Estado. A região sudeste do Tocantins possui uma população predominantemente negra, onde encontramos um grande número de comunidades quilombolas e negras.

Desde 2009 o Movimento Quilombola do Tocantins vem cobrando do Estado do Tocantins a regularização dos Territórios Quilombolas. Em 2017, o Instituto de Terras do Tocantins/ITERTINS instaura um processo para regularizar o Território da Comunidade Quilombola Matão, mas o processo permanece sem movimentação.

No dia 07 de agosto de 2020, o Ministério Público Federal protocola Ação Civil Pública/ACP com objetivo de "Assegurar, em prazo razoável, a realização dos atos administrativos necessários ao andamento do processo administrativo de delimitação, demarcação e titulação, obrigação do Estado do Tocantins, por intermédio do ITERTINS, da área territorial em que vive a Comunidade Quilombola Matão, localizada no município de Conceição do Tocantins/TO (processo Itertins nº 2017.34511.000409)".

Em 15 de dezembro de 2021, a ACP é julgada e é decidido que o "ESTADO DO TOCANTINS e INSTITUTO DE TERRAS DO TOCANTINS - ITERTINS, que, no prazo de seis meses, a contar da intimação desta sentença, conclua o procedimento administrativo de identificação, reconhecimento, delimitação, demarcação e titulação das terras ocupadas pela comunidade remanescente de Quilombo MATÃO, localizada no município de Conceição do Tocantins/TO, em nada influenciando eventual extensão das terras para além dos limites do aludido município".

A Comunidade Quilombola Matão juntamente com a Coordenação Estadual das Comunidades Quilombolas do Tocantins/COEQTO, a Alternativas para Pequena Agricultura no Tocantins/APATO e o Projeto da Nova Cartografia Social da Amazônia elaboram a cartografia Social da comunidade, em 2023, para contribuir com o processo de regularização territorial da comunidade.





**A COMUNIDADE
QUILOMBOLA
MATÃO E SEU
TERRITÓRIO DE
DIREITO**





“**MEU PAI, ELE
VEIO DO
MUNICÍPIO DE
ARRAIAS, DOS
KALUNGA,
COMUNIDADE
QUILOMBOLA .**”

“Sou Elias Dias Pereira, a minha história é muito pequena porque eu conheço por informação do meu criador, que foi o meu irmão mais velho, Vitor, filho do meu pai, Domingos Dias Pereira. Eles compraram essa fazenda, Pedra Branca, e ele morou não sei quantos anos, faleceu na própria fazenda, tendo essa área de terra comprada em quantia de terra de uma légua como se dizia antes, mas eu não sei, não era medida. Eles morreram na própria fazenda e hoje os condôminos aqui sou eu, Elias e o Estevão, dois filhos que cabe herança dentro da fazenda.

Quem veio foi o meu pai, ele veio do município de Arraias, dos Kalunga, comunidade quilombola, ele era quilombola de lá. Eu sou de 1945 e ele morreu em 1947. Minha mãe é natural de Arraias também, mas não sei qual localidade. Vivemos nessa terra até no ano de 1969, eu fui o último que mudei de lá, esse irmão meu tinha morrido, tinha mudado aqui para o sogro dele, que é onde é a sede da associação, e aí vai uns comprando e vai imprensando, aí o INCRA entrou abafou tudo e passou o título para a frente.

A minha história do meu conhecimento e principal na minha memória está 3 limites, córrego Extrema, não limitando a nascente dele, ele desce até o rio Palmas, o rio Palmas, rumo direito a nascente do sol até a barra do Córrego Fundo que hoje é Faustino, subindo por ele acima”.

"Meu nome é Joaquina Dias Pereira, filha de Veríssimo Dias Pereira. Meu avô João que é pai dele, mais minha avó Lina morava na fazenda Jataroba do outro lado do rio Palmas, meu pai nasceu e criou lá, depois que ele ficou rapaz, meu avô Teodoro que é irmão do meu avô João vieram embora para o município de Paranã. Morava tudo na fazenda Jataroba, meu avô Teodoro, meu avô João Dias Pereira, o povo tratava João Borralho, velho Vitor Dias Pereira, que foi quem criou o Estevam mais o Elias. O Vitor ficou na fazenda Pedra Branca, perto do rio Palmas e o velho Teodoro na beira do rio Gameleira, perto do rio Palmas também, e o meu pai saiu de lá antes de casar e veio morar com o velho Teodoro, todo Dias Pereira esse povo. Somos 5 irmãos, Joaquina Dias Pereira, a mais velha, Almiro Dias Pereira, Aldemir Dias Pereira, Valdir Dias Pereira e Celi Dias Pereira. Eles adquiriram o direito porque a terra não tinha dono, eles conversaram com esse povo Chaves de São Domingos, que falou que a terra era do Estado e que ele podia fazer sua casa, e morou até morrer, está enterrado lá. "

**EU TENHO 11 FILHOS,
A MAIORIA QUER
VOLTAR PARA A TERRA**

Joaquina Dias Pereira

RIO PALMAS

"Meu nome é Firmino Luiz Barbosa, meu avô, eu nem conheci ele, ele faleceu eu nem tinha nascido, o meu avô ganhou essa área de terra, na revolta de 21, na revolta do Duro, de Dianópolis, o pessoal correram para atravessar o rio Palmas, na fazenda Corvina, meu avô morava de lá, meu avô chamava Joaquim Luís Furtado, conhecido como Joaquim Carinhonha .

Meu pai tinha uma canoa de madeira, aí gritaram de lá, para atravessar esse pessoal que os revoltosos estavam matando eles aí, estavam atrás deles. Aí meu avô atravessou eles, era o Zé de Brito, quando eles chegaram do lado de lá, eles atiravam na fazenda Corvina.

Quando eles saíram de lá falaram, não tenho nada para te pagar vou te dar uma gleba de terra, e lá onde a gente mora, era deles, ele tipo vendeu para o meu avô por eles socorreram eles, atravessou eles no rio, para eles não morrer.

Meu avô era quilombola, era descendente dos escravos do município de Arraias, eram escravizados na fazenda Sapé, na abolição dos escravos, eles foram procurar lugares, a família quase toda foi para a Lagoa da Pedra, ele e a mãe dele desceu o rio Palmas em direção a Paranã, era o único filho, nas histórias diz que ele filho do dono. Parou nas fazendas para trabalhar, casou, teve filho, e continuou trabalhando nas fazendas, aí na revolução de 21 o José de Brito pagou ele com a terra. Atravessou o rio, situou do lado de Conceição e botou o nome na fazenda de Santo Antônio, por ser religioso católico e rezava para Santo Antônio. Minha mãe e eu, fomos até numa reunião lá na comunidade quilombola Lagoa da Pedra."

Firmino Luiz Barbosa

**MINHA MÃE
CONTAVA QUE ELE
ERA DESCENDENTE
DE ESCRAVO**



UM DOS CEMITÉRIOS DO TERRITÓRIO

"O meu pai pagava o documento dele em Paranã, a gente mediu ela deu 69 alqueires. Meus tios, só dois que eu conheci, José Luís Furtado e Domingas que morava do lado de lá do rio.

O meu avô Joaquim Luís Furtado, apelido de Joaquim Carinhanha ficou situado aqui, ele criou os filhos lá e eles foram espalhando, na mesma área de terra que o homem passou para ele, eles foram fazendo as casas pertinho. Desses eu só conheço o José Luís Furtado, conhecido como José Carinhanha.

Em Matão meu tio situou lá mesmo, foi trabalhando de roça e estão lá até hoje, ficou os filhos, netos, bisneto, mora tudo lá. O Antônio Conceição é lá da Lebanca, foi para lá há muitos anos atrás.

Minha mãe casou com meu pai e continuou morando lá com meu avô, eu vim para essa fazenda aqui trabalhar de vaqueiro, comprei essa parte, mas sempre indo lá. Quando minha mãe tava velha dividiu entre os filhos, a sede ela deu para mim, eu sou o caçula, aí a mulher foi trabalhar lá, a gente continuou trabalhando lá.

Meu avô criou os filhos tudo lá, passou para minha mãe, minha mãe morreu tinha 87 anos, tudo morando lá, um pertinho do outro. Meu avô e avó, e minha mãe são enterrados lá. O meu pai foi enterrado onde a mãe dele foi enterrada, fica em outra área, pertence a Lameirão, onde ele foi criado. "

“

**MEU AVÔ CRIOU OS FILHOS
TUDO LÁ, PASSOU PARA MINHA
MÃE, MINHA MÃE MORREU
TINHA 87 ANOS, TUDO
MORANDO LÁ, UM PERTINHO
DO OUTRO.**

”



RIO EXTREMA

RIO CHUPETA

“Essa área que eles deram para o meu avô é limitada, eu sei fazer o mapa dela, o limite é o rio Palmas, Palmas abaixo até o Extrema, Extrema arriba até o Chupeta, Chupeta arriba até o Bandarra, Bandarra arriba até o Maia, Maia abaixo até a Vargem Redonda, Vargem Redonda abaixo até o rio de novo, essa é a gleba que eles deram para ele”.

"Meu nome é Palmira Xavier, sou filha de Germana Luís Furtado, ela só tem duas filhas, Palmira e Valmira, eu moro aqui acima e minha irmã mora embaixo na sede onde minha mãe morava. Minha mãe mora na cidade porque ela amputou a perna e está lá com minhas filhas, elas é que cuidam dela, Maria Bonfim, quase chegando na caçula, ela vem a passeio passa uma semana, duas, mas tem que ter a revisão do médico, das enfermeiras, ela fica lá.

Eu nasci e criei aqui, minha mãe também nasceu e criou aqui, minha avó nasceu numa fazenda mais acima, fazenda Pedra Branca, as filhas dela nasceu tudo aqui, teve 21 filhos e criou 9, minha avó, Espirituosa, mulher de José Carinhonha.

Esse pedaço aqui faz 22 anos que a gente mora aqui, mas minha casa era bem ali na frente, vim de lá para cá e fico aqui. Meu avô sempre ali na sede, minha avó morreu, meus irmãos arreuniu e falou se minha mãe cuidasse do velho José até o final da vida que ele deixava o sítio com ela. Ela morava lá na frente também, ela ganhou o sítio aqui e falou, minhas filhas eu vou sair, mas vocês tomam conta do sítio aqui, é nosso, os dois velhinhos está sepultado na porta lá de casa.

Não sei agora para frente, a linha do trem vai passar aqui, estão fazendo a medição para encontrar lá com Arraias afora, estão trabalhando aí. Nós fica sossegado aqui, graças a Deus, até o momento, não sei daqui para a frente".

Palmira Xavier



"Eu nasci no Matão, eu tenho 76 anos, fui criada lá, só saí de lá pra aqui, eu casei com o filho daqui, de lá eu vim para cá. Meu pai era daqui, ele era filho do velho Joaquim, minha mãe era Espirituosa Bispa de Santana, filha do velho João Grande, mais a velha Pilicarpa de Santana. O velho João Grande morava no Engenho Velho, na época dos revoltosos ele mudou para a beira do rio Extrema, a terra do Matão, ele morreu aí. De filhos eu tive 7 mulheres e 3 homens, um deles faleceu. Eu moro aqui direto, eu e Cenira, minha filha. Antes eu trabalhava de roça, hoje vivo de aposentadoria, porque eu não dou conta de trabalhar mais. Meu marido era o Otaciano Luís Barbosa, nós era primo".

“ ANTES EU TRABALHAVA DE ROÇA, HOJE VIVO DE APOSENTADORIA, PORQUE EU NÃO DOU CONTA DE TRABALHAR MAIS.”

Rosaria Luís Furtado

"Sou Alexandre Francisco de Oliveira, mudamos para a fazenda Lebanca em 1959, minha mãe Herculina Pinto Oliveira, meu pai José, apelido Zé Gato e meu tio Catarino Silva Guedes. Mas meu pai adoeceu, tava ruim aí mudamos para a cidade, lá é ruim para tratar de gente doente, aí nós veio embora e o velho Catarino veio com a gente, não vendemos posse nenhuma, ninguém vendeu posse, ficou curral, ficou tudo lá. Somos 11 irmãos, vivos só tem 8, morreu 3. Eu sei a divisa do nosso com o outro, sobe Lebanca arriba, Negra Mina arriba, até a cabeceira, aí tinha uma estrada que vai para a Vargem Redonda, descia até topar no rio".

Alexandre Francisco de Oliveira



"A história que eu sei do meu avô, é o seguinte, meu avô, primeiramente, chamava Juventino Luís Furtado, o que eu sei primeiro que ele situou aqui no município onde a gente mora, ele fez um sitinho de primeiro, na casa da mãe de Firmino ali, quando ele veio para cá, atravessou o rio e fez um sitinho lá. Ela era irmã dele, a mãe de Firmino, a mãe de Firmino era irmã do meu avô, aí ela casou ficou no pontinho que ele fez e ele foi para o Lameirão, o meu pai contava isso para mim.

Aí ele veio para o Lameirão, e o finado Carinhanha era irmão dos dois e morava aqui, e morava aqui no Matão, a tia Bastiana morava lá, meu avô aqui no Lameirão, os três irmãos, tudo divisa".

Aldemar Dias de Franca

"Eu nasci e criei na comunidade Matão, fui criada sem pai, meu pai largou minha mãe eu tinha 2 anos de nascida, e aí minha mãe trabalhava na roça para poder criar eu, trabalhava para os outros, tomando chuva e sol, foi nessa vida que eu fui criada. Somos todos descendentes de quilombolas, tanto por parte do marido, como de mim também, tudo descendente quilombola. Minha sogra falava que essa terra foi dada para o meu bisavô Joaquim Luís Furtado em 1921, no ano da revolta. Ela contava que meu bisavô morava na fazenda Santo Antônio, botou o nome, José Carinhanha no Matão, Juventino no Lameirão, e tinha outros filhos que morava no Santo Antônio novo. Dessa descendência eu conheci o filho dela que morava do outro lado do Chupeta. Meu bisavô era o avô de Juvêncio, a velha Sebastiana era irmã do José Luís Furtado, meu avô, meu bisavô era o Joaquim Luís Furtado".

Marcolina Bispo da Trindade

"Sou Domingas Pereira Borges, a história que o tio Elias está contando, da barra do Córrego Fundo, a barra da Extrema, as fazendas do pai dele, Domingos Dias Pereira, e o Vitor, filho do Domingos. Aí vem a fazenda Lebanca que é do povo do Antônio Conceição, aí vem a fazenda Santo Antônio que é do Joaquim Carinhanha, o Joaquim Luís Furtado que é o pai da Sebastiana, que era minha sogra, as outras terras foram dos filhos dele que foram possiando, que é a Lameirão e o Matão.

São 4 famílias que possuem lá que não são parentes uma da outra, a família Carinhanha, que é os Luís Furtado, a família Oliveira que é do Antônio Conceição, a do Domingos Dias Pereira, e a do João Grande, que é João Bispo Trindade. O João Grande posseo nessa terra no tempo da escravidão, correram para lá".

Domingas Pereira Borges



The image features a vibrant orange background. In the upper left, a portion of a light green circle is visible. Below it, a series of seven parallel, wavy green lines curve from the left towards the right, eventually becoming vertical. In the center of the composition, a full light green circle is positioned. At the bottom, the text 'CONFLITOS TERRITORIAIS' is written in a bold, white, sans-serif font.

**CONFLITOS
TERRITORIAIS**



“
MEU PAI
FALOU, FICA
ALI DO LADO
DA MATA QUE
O POVO TÁ SÓ
QUERENDO
TOMAR, E EU
NÃO DOU
CONTA MAIS.”

“Sou Leonilda Luís Furtado, nasci aqui no Matão, sou filha do José Carinhonha, minha mãe Espirituosa, que é filha do João Bispo da Trindade, conhecido como João Grande. Nasci e criei aqui, depois que casei fiquei 9 anos fora, aí voltei, meu pai falou, fica ali do lado da Mata que o povo tá só querendo tomar, e eu não dou conta mais, aí fica bom pra vocês e para mim, eu falei é mesmo”.

Leonilda Luís Furtado



Elaboração do mapa do território

"Teve um cliente que nós teve uma duvidazinha por causa dessas atividades, chegou comprou de um e depois disse passei para esse aqui, como eu tava de fora, mandou eu ajustar advogado que ele já tinha o dele, se eu fosse vende a terra não dava para pagar o advogado, eu falei entrego para Deus, se for meu um dia vem.

Quando meu pai morreu eu tinha 2 anos, meu irmão mostrava que a divisa era aqui no córrego Negra Mina, descia até o rio limitando com esse grupo aqui Lebanca, Beira Rio, Matão".



**MEU IRMÃO MOSTRAVA QUE
A DIVISA ERA AQUI NO
CÓRREGO NEGRA MINA,
DESCIA ATÉ O RIO
LIMITANDO COM ESSE
GRUPO AQUI
LEBANCA,
BEIRA RIO,
MATÃO.**

Elias Dias Pereira

"Aí meu avô morreu e passou para minha mãe, os irmãos dela não quis, e ela continuou lá até os filhos nascer, são 10, foram 19 partos, morreu um bocado. A minha mãe contava onde ele morou, esse que mora no Lameirão, ele fez o sítio e o pessoal daqui foi colocando, o Noemi, seu Totó, foi colocando as novilhas para ele ir olhando, depois tomaram conta da área de terra, aí tiraram a documentação no nome deles."



ESCOLA MUNICIPAL MATÕES

ESCOLA MUNICIPAL MATÃO

“Aí ele saiu, deixou com o Totó, um pessoal que tinha dinheiro, pessoal mais rico, botou uma bezerrinha para ele ir olhando. Quem ficou aqui foi um pessoal de fora, Noemi, não era família dele, eles chegou empossou, botou uma bezerrinha e tirou o velho sem direito a nada e ele saiu zanzando e morreu fora.

Depois o Noemi vendeu para um pessoal de fora, dizendo que documentou, aí eu morei uns tempos, saí, nesse mesmo lugar, tornei a voltar, tornei a sair, e agora me botaram de novo lá para tomar de conta, eu fico lá. O homem sumiu, não voltou mais, dizendo que ele morreu, o velho, mas tem família, diz eles que é documentada, inclusive na medição do INCRA que mediram aqui, eu tava aqui, o cara que mediu falou para mim, essa terra é titulada.”

ENTENDO QUE ESSA ÁREA É DA MINHA FAMÍLIA, APARECEU UNS CARAS DE BRASÍLIA DISSE QUE TINHA COMPRADO. EU FIQUEI OLHANDO PARA O OSVALDO CARDOSO DA SILVA, ELES DISSE QUE COMPRARAM DO ACIDINO.

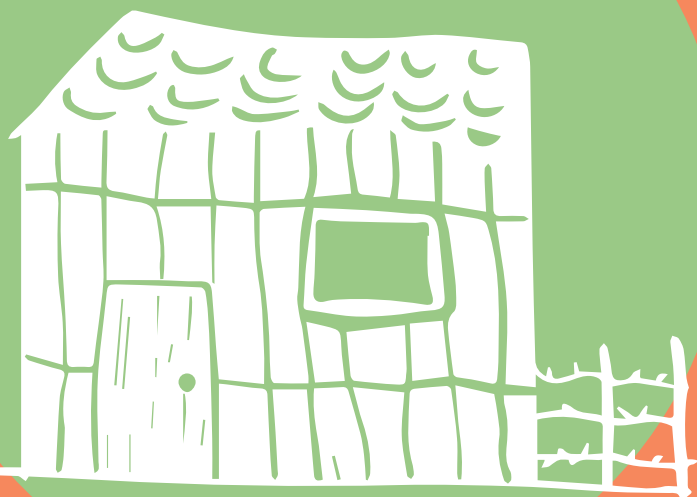
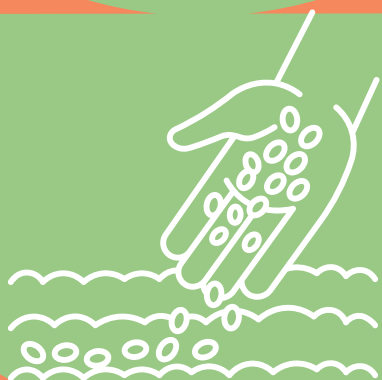
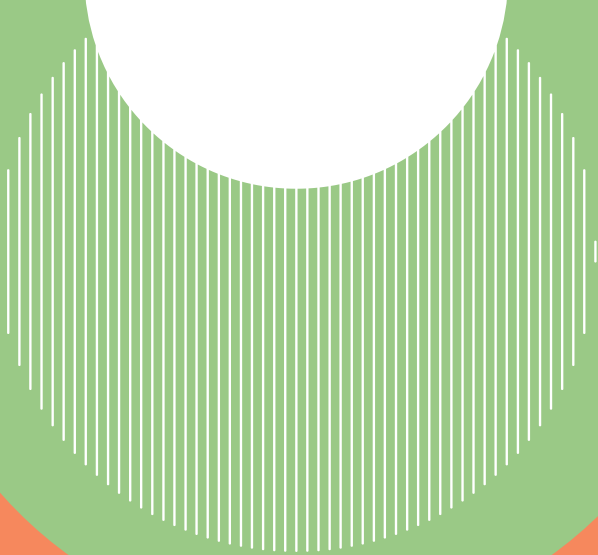
Aldemar Dias de França

“Era uma firma de Brasília, firma muito grande que comprava terra, Rebrace, um povo de Goiânia, foi de 80 para cá, chegaram compraram esse mundo de terra, possiaram, fizeram cerca, e aí de repente ela foi caindo. Segundo um agrimensor de Palmas, o Siqueira Campos indenizou essa firma, para colocar esse povo que estava chegando em Palmas sem condições.

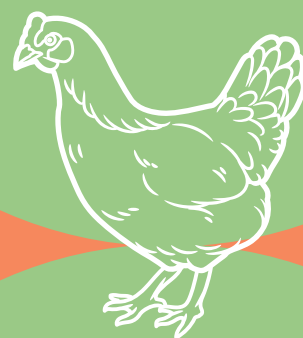
Foi quando o Tonho descobriu a constituição sobre os quilombolas, aí ele foi lá contou a história, aí que privou a vinda desse pessoal. Só que não aconteceu nada e o povo entrou de novo para dentro dessa fazenda grande que era deles, a outra também da família deles que é a Pedra Branca e a Mato Grosso que hoje chama Beira Rio e a outra Terra Nova, isso que aconteceu”.

Domingas Pereira Borges





A VIDA no TERRITÓRIO



"Meu avô fazia roça, não criava gado, meu pai criou gado, eu conheci os quintal de banana do meu avô, era coisa imunda, eu tinha vontade de conhecer ele, era um velho bem morenã, pretão. Meu avô mexia com roça e meu pai também, era trabalhador de roça, todo tempo, lavrador, e os filhos continuou trabalhando, é pouco os que não criou gado lá.

Eu tenho roça lá, nós plantou duas tarefas de mandioca, eu mexia com roça de mandioca, de arroz, quase todo mundo mexe com lavoura lá. Eu crio gado, os outros só trabalhando de roça. Matão, já foi o filho do meu avô que fez a comunidade Matão, lá os filhos também moram tudo em redor, é uma comunidade só, Matão e Santo Antônio, é primo e sobrinho, irmão, é uma comunidade só, parentagem".

Firmino Luiz Barbosa



CURRAL, GADO E COCHO


CISTERNA



"Aí eu passei para aqui, passei em 80, eu sou de 46, mas me botaram de 47. Ajudava meu pai a derrubar roça e todo mundo chamava nós, Os Matão, rolava pau dessa grossura assim, derrubava também, eu trabalhava na roça, roçava, derrubava e ajudava meu pai a plantar, nós sempre tinha fartura. Plantava mandioca, arroz, milho, feijão de corda, plantava tudo, feijão de arranca, gergelim, feijão de corda plantava muito para vender, plantava demais batata. Meu pai criava gado e porco. Meu filho mora dentro da área, bem adiante do colégio. Faço roça de toco, colho pequi, vendo a rapa, faço sabão da massa, faço remédio para mulher quando ganha nenê, ponche, purgante, faço benzimento para dor de barriga de criança, quebranto e dor de cabeça".

Leonilda Luís Furtado



VIVO AQUI DE ROÇA, ROÇA DE TOCO, PLANTA ROÇA, PLANTA MILHO, UM POUQUINHO DE CADA UMA COISA, E A GENTE VAI VIVENDO. 

"Eu faço essas peças, tapete, coberta, no tempo das frutas pega baru, pega um coco tira um óleo, e vai passando o tempo, cria galinha, cachorro, transporte nós não temos.

Nós fumo para a cidade, os meninos foram crescendo, tive que mudar para a cidade, ganhei uma casinha, fiquei lá, quando os meninos cresceram passei para aqui de novo, uns ficou na casa, outros mora em Brasília, em Goiânia, se sabe, quando filho nasce espalha, avoa, só tá eu com esse velhinho, mas não é o pai dos meus filhos não".

Palmira Xavier



PALMIRA XAVIER E DOMINGAS PEREIRA BORGES



Firmino Luiz Barbosa e Fulgêncio de Souza Gonçalves

"Eu cheguei praqui com a idade de 13 anos, conversei com a velha, ela me acolheu, enquanto ela teve vida fui morando aqui, cuidando dela, fazendo as coisas para ela que ela não aguentava fazer, aí foi o tempo que ela mudou para a cidade e eu fiquei aqui. Na época que eles mediram a terra, ela falou que tirasse o direito igual tirou para os filhos.

Eu planto roça de toco, arroz, milho, feijão, abóbora, mandioca, batata. Colho Baru, pequi, coco, faço arco de peneira e quibane, para as mulheres fazerem a trança. Do baru faço a paçoca e o arroz, tiro o óleo do pequi, o sabão da massa, antigamente colhia o Timbó para fazer sabão. Não tenho criação de gado, tenho 3 cabeças de animal. Quando o rio tem muita água faço uma seva para pegar piau, só para o gasto, o consumo de casa".

Fulgêncio de Souza Gonçalves

**CASA DE ADOBE DE FULGÊNCIO
DE SOUZA GONÇALVES**



**CASA DE VARA
DE FULGÊNCIO DE SOUZA GONÇALVES**



"Meu nome é Marcolina Bispo da Trindade, tenho 64 anos, casada com Juvêncio Luís Barbosa, mas ele já faleceu, tenho 11 filhos, 19 netos e 1 bisneto. Trabalho na roça, mas hoje já não dou mais conta, mas nunca esqueço da roça, aposentei, hoje vivo da aposentadoria. Eu panhava coco, quebrava, torrava, tirava a gordura, o pequi descascava, botava para cozinhar, batia no ralo com uma colher de pau para tirar massa, pra tirar gordura, o óleo para vender, para poder comprar as outras coisas. O óleo de coco também, fazia da massa do pequi sabão para lavar as roupas dos filhos, e assim fomo convivendo e criou esses 11 filhos tudo trabalhando na roça. Plantava arroz, feijão, mandioca, batata, milho, essas coisas que nós sobrevivia, quando a chuva não falhava, quando não perdia, mas sempre todo ano a gente ganhava o arroz, muito, graças a Deus. Fazia o quibane, arco, peneira, tapiti de taboca, tapete costurado na máquina, coxinil de bico. Ainda dou conta de trabalhar na roça, devagarzinho chego lá. Plantar uma mandioca, uma batata, uma horta, tenho muita vontade de fazer, mas não tenho água, bebo a que a prefeitura traz no caminhão. Antigamente minha avó fazia pote, tambor, mexerico, companheiro do tambor, para dançar a Sussa. Meu avô também arranjava um pau bem ocado e tampava de couro, pregava tudinho, abria um buraco no meio e pregava uma sola. E aí puxava, um batendo nesse tambor e outro puxando a corda, passava a cera, ficava um barulho danado, um zoado longe, eles era animado no Sussa, fazia também forró batido na guariba, era tudo animado. Na época tocava sanfona, batia uma serra, era um tipo de dança, passava um ferro nos dentes da serra e dançava a noite toda, valsa, bolero, forró, chorado, a maior animação, tudo a gente dançava. A minha mãe me ensinou benzer de arca, quebrante, cólica, dor de barriga, vento, muitas rezas eu aprendi com minha mãe. Minha avó rezava todo ano de Senhora Santana, era no mês de julho, todo ano, muito animado, minha mãe passou a reza todo ano o terço de Bom Jesus da Lapa".

“ EU PANHAVA COCO, QUEBRAVA, TORRAVA, TIRAVA A GORDURA, O PEQUI DESCASCAVA, BOTAVA PARA COZINHAR, BATIA NO RALO COM UMA COLHER DE PAU PARA TIRAR MASSA, PRA TIRAR GORDURA, O ÓLEO PARA VENDER, PARA PODER COMPRAR AS OUTRAS COISAS. ”





ALTERNATIVAS PARA A PEQUENA
AGRICULTURA NO TOCANTINS



coeqto

Coordenação Estadual das Comunidades
Quilombolas do Tocantins